

A MODERNIDADE E O FENÔMENO DA SECULARIZAÇÃO

MODERNITY AND THE PHENOMENON OF SECULARIZATION

Cezar Luís Seibt¹

SEIBT, C. L. A MODERNIDADE E O FENÔMENO DA SECULARIZAÇÃO. **Akrópolis**, Umuarama, v. 16, n. 1, p. 61-69, jan./mar. 2008.

RESUMO: Este artigo propõe uma descrição do fenômeno da modernidade, apontando para as conseqüências decorrentes da substituição das explicações religiosas da Idade Média pela autonomia e soberania da razão humana na Modernidade, sobretudo a partir do ponto de vista teológico e filosófico. Quer chamar a atenção também para o fato de um possível ponto frágil no âmbito da modernidade, na medida em que ela submete a vida humana à planificação e nivelamento total.

PALAVRA-CHAVE: Modernidade; Autonomia da razão; Secularização; Teologia.

ABSTRACT: This article proposes a description of the phenomenon of modernity, pointing out current consequences of the substitution of religious explanations from the Middle Age for the autonomy and sovereignty of the human reason within Modernity, especially from the theological and philosophical point of view. It also calls attention for the fact of a possible weakness in the modernity, in so far as it submits human life to the plannification as well as total social leveling.

KEYWORDS: Modernity; Autonomy of reason; Secularization; Theology.

¹Professor Assistente UFPA Campus
Cametá. Graduação: Ciências Religiosas,
Filosofia, Psicologia. Mestre em Filosofia

Recebido em Maio/2008
Aceito em Agosto/2008

INTRODUÇÃO

Tomaremos como ponto de partida a suposição de que, de alguma forma, sempre buscamos alguma fundamentação para nosso pensar e agir. Ao longo da história da humanidade, sucederam-se então diversos princípios legitimadores, que apelam ou para a própria razão ou para uma realidade externa, transcendente. A realidade seria caótica se não tivéssemos um mínimo de princípios organizadores. O que nós não conseguimos até hoje e, provavelmente nem iremos conseguir, é estabelecer um princípio absoluto, pois isso suporia uma imobilidade e eternidade de tudo. Lidamos, dessa forma, sempre com fundamentos contingentes, poderíamos dizer “epocais”. Essa é a nossa condição humana.

O que acontece na maioria das vezes, e nisso em geral permanecemos, é que não tomamos a devida distância para poder olhar para o pensamento que suporta o nosso próprio pensar. Em determinadas circunstâncias históricas, no entanto, uma forma específica de fundamentar perde sua capacidade de suportar todos os elementos, acaba entrando em crise e nos “dá o que pensar”, instiga novamente o pensamento.

Durante um significativo período da história, as explicações de cunho mítico e religioso organizaram nossa vida e nossas relações. Com o advento da modernidade, propondo a subjetividade e a racionalidade (esclarecimento) como pilares para a existência, esse modo começa a perder espaço e credibilidade. Com isso, vai caindo fora e se perde o poder de convencimento da instância externa ao homem (Deus). Surge o que hoje se chama de secularização.

Procuraremos, num primeiro momento, descrever a própria modernidade, apontando para algumas características principais para, em seguida, mostrar como se gesta dentro dela o fenômeno da secularização e como este é recebido pela tradição (principalmente pela teologia). A partir da posição de alguns autores, indicaremos que o modelo religioso pode estar presente na organização da sociedade contemporânea, sobretudo na forma como algumas instituições se estruturam. E, finalmente, iremos sugerir, mesmo que de forma rápida, que a própria secularização pode estar hoje em crise e que precisamos poder tomar certa distância para poder entender melhor o que se passa conosco.

A MODERNIDADE

a) Da heteronomia à autonomia

A modernidade, como etapa histórica que se segue à Idade Média, com um período intermediário de transição chamado Renascença, substitui a heteronomia pela autonomia. A heteronomia implicava a submissão da razão e do indivíduo a um critério externo e maior, que agora é substituído pela crescente confiança nas forças da própria razão. Instaure-se, portanto a autonomia, rompendo com a heteronomia. O homem, um ser frágil e dependente do universo compreensivo da religião, se transforma com o progresso e com o advento da razão técnica.

Romano Guardini diz que

... para o homem medieval a ciência representa exclusivamente a procura do que na autoridade das fontes é tido como verdade. Já na segunda parte do século XIV e, especialmente no século XV, ocorre uma alteração. O conhecimento se dirige diretamente para a realidade das coisas. Deseja ver com os próprios olhos, demonstrar com a própria inteligência, atingir uma opinião criticamente fundamentada, independentemente dos padrões anteriores (1995, p. 33).

Essa modernidade que se inicia, sonha com a possibilidade do domínio ilimitado do universo físico e humano. Todas as coisas serão objeto passível de domínio e controle, na medida em que se desenvolvem métodos objetivos e adequados para o manejo e compreensão da realidade.

E, como dissemos que ela se caracteriza pela autonomia superando a heteronomia, a democracia manifesta e expressa de forma singular a saída do âmbito da religião. Ao mesmo tempo, podemos dizer que a modernidade traz consigo um modelo individualista, em oposição ao coletivismo anterior. A noção de sujeito se conecta com o de autonomia e com a possibilidade da democracia.

O desenvolvimento da confiança irrestrita na razão e nas capacidades humanas de domínio e controle, produziu também uma sociedade em que se corre o risco de desaparecimento da própria espécie humana. As questões éticas não têm espaço no âmbito científico. Os critérios de objetividade, clareza e certeza não são possíveis no campo da ética que, assim como a religião, é relegada a segundo plano. A ética que impera é aquela que se conduz pelo critério da produtividade e utilidade, no horizonte de uma economia de mercado. Isso, contudo, conduziu a uma situação tal que tememos hoje pelo futuro da própria espécie humana no planeta.

A economia de “mercado”, que irá caracterizar a modernidade a partir da Revolução Industrial,

trará consigo novos valores, diferentes daqueles da sociedade anterior. Muitas vezes esses valores não estão manifestos, mas subjazem, estão latentes nas relações e nas escolhas realizadas pelos indivíduos e por grupos. Essa revolução que se inaugura altera significativamente o modo de produção, a organização social do trabalho, as relações e o consumo, conferindo novo dinamismo à sociedade. O iluminismo e, de forma ainda mais efetiva e clara o positivismo, são a referência deste avanço econômico e industrial, apoiado no grande desenvolvimento da ciência e da técnica e nas idéias de progresso e democracia.

Não é mais a Igreja, sobretudo a Igreja Católica, que ocupa lugar central na vida das pessoas e da sociedade, mas um novo modelo surge para organizar a vida social e pessoal. A modernidade é esse conjunto de mudanças que dá início e consolida uma nova era histórica e cultural.

Como reação ao coletivismo, que caracteriza a vida das pessoas na Idade Média, o homem ocidental moderno assume um caráter mais individualista. O cidadão medieval só tinha consciência de si como membro de uma raça, povo, grupo ou família, o que significa que sabia de si como uma categoria geral e tinha seu lugar na estrutura econômica, psicológica, religiosa e nas hierarquias, desde o princípio já sempre determinada. Com isso se perdia a vitalidade individual.

Já na Renascença acontece então uma reação ao coletivismo, que se deteriorou no final da Idade Média. Essa reação encaminha para o individualismo. Dentro deste quadro, o homem, já a partir da Renascença, vai encontrar na ciência (agora moderna) o lugar para instaurar e fundamentar o seu projeto de domínio da natureza. Esse domínio da natureza vai diferenciar o projeto da ciência moderna daquele da ciência antiga. Isso significa: dispor da natureza segundo necessidades e conveniências do homem. Descartes irá apresentar as vantagens e comodidades que a ciência irá proporcionar ao homem e Francis Bacon mostrará que a ciência não se justifica mais pelo simples prazer de conhecer, mas pelo poder que o homem adquire através dela sobre a natureza.

b) A ciência moderna

É interessante notar a transformação ou destruição da idéia greco-romana e cristã de "Cosmos", que acontece na passagem da Renascença para Modernidade. O que isso significa? Mostra que o mundo, como ordem de hierarquias de perfeição fixas, com um "centro" e claramente "delimitado", cede

lugar à idéia de universo infinito, sem começo ou fim, sem limites, sem tempo e espaço fixos e, sobretudo, sem um centro referencial absoluto. Ocorre o fenômeno da perda do centro, o que leva os filósofos a indagar sobre a possibilidade e a necessidade de se estabelecer algum outro centro ou referencial seguro para o conhecimento e para a ação. Também a idéia de "ordem" será fundamental na motivação da elaboração de um método para o conhecimento. É necessário, em primeiro lugar, ordenar a própria faculdade do conhecer.

Um fenômeno que acompanha (motivando, causando) essa nova visão de mundo é a "geometrização do espaço". Na física anterior, aristotélico-tomista, o mundo está dividido em hierarquias de perfeição: o espaço é constituído de lugares que determinam a forma dos fenômenos, sua importância e sentido. Agora,

o espaço se torna neutro, homogêneo, mensurável, calculável, sem hierarquia e sem valores, sem qualidades. É essa a idéia que se exprime na famosa frase de Galileu que abre a modernidade científico-filosófica: "A filosofia está escrita neste vasto livro, constantemente aberto diante dos nossos olhos (quero dizer, o universo) e só podemos compreendê-lo se primeiro aprendermos a conhecer a língua, os caracteres nos quais está escrito. Ora, ele está escrito em linguagem matemática e seus caracteres são o triângulo e o círculo e outras figuras geométricas, sem as quais é impossível compreender uma só palavra" (Chauí, 1987, p. 71).

Com essa descrição evidencia-se o ideal matemático que irá servir de modelo para a modernidade. Matemático significa aqui que tudo deverá poder ser conhecido de forma completa, perfeita e ser passível de dominação pela inteligência. É método, que supõe ordem e medida, o que permite conhecer pela causa e discernir a identidade e a diferença essencial das coisas.

Outro aspecto importante é que se institui a mecânica como nova ciência da Natureza. Isso só será possível se todas as coisas e fenômenos forem considerados como partículas dotadas de grandeza, figura e movimento. Conhecer significará, então, estabelecer leis necessárias para o movimento e o repouso dessas coisas e fenômenos. Tudo deverá ser tratado pela via do modelo mecânico e, aquilo que não o for, será eliminado como possibilidade de conhecimento verdadeiro. Inaugura-se a intervenção técnica sobre a natureza e inclusive sobre os elementos humanos. Essa teoria e a intervenção na natureza aumentam e melhoram o uso e fabricação de instrumentos que, por sua vez, ampliam e tornam mais preciso o próprio conhecimento. Como diz Chauí (1987, p. 73), o ideal é o autômato e o modelo

é o relógio.

A física e a matemática irão reduzir a natureza a um conjunto de fenômenos mensuráveis. Tudo aquilo que não for objetivável, como no caso das qualidades subjetivas, será suprimido pela ciência. Só é aceitável aquilo que é mensurável e a mensurabilidade será o critério da objetividade, ou seja, da verdade. A consequência disso é que o real passa a ser somente aquilo que pode ser mensurado. O real é matematizado, o que é necessário para a lógica da dominação (só é possível dominar aquilo que se pode controlar, prever, medir,...). O ideal grego da contemplação, do conhecer por conhecer, é abandonado e agora o saber se inscreve na ordem da aplicação e utilidade. Assim, a ciência expulsa da realidade aquilo que não cabe no âmbito do mensurável. Não é mais a religião que diz a realidade, mas a ciência, que se guia pelo ideal matemático e pela mensurabilidade.

Mostramos então, como se trata, na Modernidade, da dissolução do centro referencial e ordenador da vida e do conhecimento. Perdem-se os fundamentos que possibilitavam o acesso ao “verdadeiro”. Antes o mundo estava ordenado, com centros referenciais (sagrado, profano, bom, mau,...) que davam segurança para a ação e para o pensamento. Podemos dizer que passamos de uma visão orgânica para a fragmentação, na qual é necessário buscar uma nova ordem, que passa primeiramente pela validação das próprias possibilidades do conhecimento. Temos então a questão do método, no qual a geometrização do espaço (que deverá poder ser calculado, medido, quantificado, sem qualidades subjetivas,...), no horizonte do ideal matemático, estabelece a nova realidade e suas possibilidades.

Essa nova concepção altera o modo de se compreender o próprio homem (ou melhor, de o homem se compreender). Ele não existe mais unicamente para servir e louvar a Deus, ou seja, não existe em função de algo externo a ele. Ele existe para ser ele mesmo, para desfrutar de sua existência aqui e agora. Tem uma liberdade que lhe permite escolher dentre possibilidades ilimitadas. Pode, dessa forma, ultrapassar todas as fronteiras, limites do tempo e do espaço, descolando-se da tutela da religiosidade e da Igreja. Acontece um deslocamento do poder: do infinito para a finitude, do eterno para o tempo, do religioso para o secular.

c) Filosofia Moderna (alguns aspectos)

Para Hegel, a filosofia moderna é a filosofia propriamente dita, pois aí ela

é independente e não se submete a nenhuma autoridade que não seja a própria razão como faculdade plena de conhecimento. Isto é, os modernos são os primeiros a demonstrar que o conhecimento verdadeiro só pode nascer do trabalho interior realizado pela razão, graças a seu próprio esforço, sem aceitar dogmas religiosos, preconceitos sociais, censuras políticas e os dados imediatos fornecidos pelos sentidos. Só a razão conhece e somente ela pode julgar-se a si mesma (Chauí, 1984, p. 79).

Junto a isso, a modernidade descobre a Subjetividade como condição e centro de todo conhecimento e ação no mundo e, ao mesmo tempo, reconhece a universalidade da capacidade e do direito que tem cada sujeito de fazer uso do pensamento e se autodeterminar. Dessa forma, a individualidade, como subjetividade livre, leva à recusa da censura sobre o pensamento e a palavra, pois cada um possui a luz natural. Essa luz natural é “a razão, o pensamento, a capacidade da consciência para conhecer por si mesma a realidade natural e espiritual, o visível e o invisível, os seres humanos, a ação moral e política” (Chauí, 1984, p. 80). Temos aí a capacidade de o pensamento, ele próprio, ser sua luz, capaz de auto-iluminação e de intervir na realidade para transformá-la.

Kant, num pequeno texto intitulado “O que é Esclarecimento (Aufklärung)?” mostra a euforia que se manifesta no século XVIII na Europa, em relação à capacidade de a razão se libertar de todos os irracionalismos e conduzir a humanidade ao progresso e à libertação. Ele mostra que a ilustração é a saída do homem de sua menoridade, a assunção da capacidade de conduzir-se a si mesmo, a decisão de não depender mais de um outro. Sua vocação é pensar por si mesmo, livre de tutelas externas.

MODERNIDADE E SECULARIZAÇÃO

a) Dessacralização do mundo

Nestas características da modernidade estão presentes os elementos que irão tornar visível o fenômeno que será chamado secularização, em oposição ao poder da fé religiosa na condução dos assuntos da vida humana coletiva e individual. Gesta-se uma razão cada vez mais independente e autônoma. Como diz Marty, a “secularização se apresenta como uma fria aceitação da condição histórica do homem e das tarefas do nosso tempo, abstraindo-se da religião” (in Dondeyne, 1970, p. 07). Ela é fruto do domínio do homem sobre a natureza, que pelo uso de técnicas e de uma nova ciência, garante novas seguranças que dispensam então a

garantia e amparo do elemento religioso.

Além do que já foi dito, diversos autores se ocuparam com o fenômeno da secularização. Vamos buscar apresentar e sistematizar o que dizem alguns deles.

De acordo com Grumelli (in Dondeyne, 1970, p. 38), temos três principais raízes para o processo de secularização. Primeiro o “pluralismo ideológico” que se instaura gradativamente na modernidade, sem mais a exigência de consenso quanto às questões fundamentais da existência humana, com uma tolerância cada vez maior para com valores e atitudes diferentes. Em segundo lugar, aponta ele uma mudança na sensibilidade do ser humano moderno, que pode ser sintetizada na exigência da “racionalização” da sociedade, cada vez mais complexa e organizada, com papéis organicamente inter-relacionados para garantir o funcionamento e o equilíbrio social. E, por fim, indica a “industrialização” como outro fator que está na raiz da secularização, incluindo aqui todas as mudanças sócio-econômicas sofridas pela sociedade. Desse modo, com uma sociedade racionalizada, pluralista, com uma forte sensação de poder sobre o mundo, é inevitável que o sagrado, que exige algum tipo de submissão e unidade, perca cada vez mais espaço na vida das pessoas e instituições.

Outro teólogo, Alberto Dondeyne, dirá que o processo de dessacralização e de secularização do nosso mundo é um acontecimento cultural inevitável e, ao que parece, irreversível. É consequência de múltiplos fatores: a crescente influência da ciência e da técnica, o advento da democracia, a instauração de uma sociedade pluralística, a tomada de consciência por parte do homem moderno da sua responsabilidade diante da história (1970, p. 51).

Segundo o mesmo autor, a análise da filosofia moderna irá mostrar que há um certo estilo de pensamento comum em todos os sistemas, um modo próprio de enfrentar as questões práticas e teóricas, as questões sobre o sentido da existência humana. E o que caracteriza todos esses sistemas é o fato de estarem centrados no próprio homem, mas um homem que faz parte do mundo, que é uma liberdade encarnada, instaurador de mundo. Ele é agente, operador e, conseqüentemente, lhe cabe responsabilidade diante da história (não a sofre, mas a faz). No pensamento filosófico se gesta uma “ontologia do homem concreto e histórico, chamado a viver em um mundo adulto, secularizado e pluralista” (Dondeyne, 1970, p. 54). Há a vontade do homem de

se auto-afirmar, submeter a terra, para nela realizar seu projeto, torná-la morada digna de si mesmo.

Por seu turno, Ernst Toeltsch sugere quatro características essenciais no processo de secularização :

a) rejeição do princípio da autoridade assim como era encarnado na Igreja, cujos representantes pretendiam falar em nome de uma revelação vinda de Deus;

b) afirmação do primado da razão autônoma como único meio de descobrir a verdade;

c) confiança colocada nesta razão (e na ciência que dela deriva) para conduzir a humanidade para a felicidade, graças ao progresso indefinido;

d) convicção de que os indivíduos têm a capacidade, por eles mesmos, de agir de maneira livre e responsável, conformando-se aos princípios da razão (individualismo).

Já Jürgen Moltmann, teólogo alemão, diz que são dois os momentos que assinalam o início do mundo moderno. Diz ele (Cepat Informa, Junho de 2002, p. 17) que o primeiro é a descoberta e “conquista” da América. A razão moderna se sobrepõe à razão mitológica dos Astecas no México, “prova” sua superioridade e faz com que a Europa se abra à modernidade. “Aqui a razão instrumental, interessada e orientada ao poder, se demonstrou superior à razão mitológica dos astecas, que podemos chamar razão ‘ecológica’. De fato, a primeira se interessa somente no cálculo da consistência do adversário e não se preocupa em se mover em sintonia com as estrelas e com a terra” (Cepat, 2002, p. 17). A colonização do novo continente faz com que a Europa disponha de novos recursos para alimentar o novo sistema econômico, baseado no mercantilismo e organizado segundo princípios do capitalismo.

O segundo momento em que a Europa se abre para um novo modelo é o desenvolvimento da ciência e da técnica, que possibilitam um crescente domínio da natureza. Aquilo que antes era “encantado”, tinha uma alma, era um mistério divino, é agora “desencantado”, tornado “escravo” na medida em que os seres humanos se transformam em “senhores e proprietários da natureza”. O homem se sente capaz de dominar a terra e obriga a natureza a se desocultar, tomando para si o papel que antes era atribuído a Deus.

Max Weber (1996) dirá que a sociedade moderna e industrial, que é regida pela razão instrumental, se caracteriza por um crescente processo de racionalização da ação. Na complexa sociedade que surge é necessário que o Estado

¹Transcrevemos as características resumidas in: Cepat Informa, Ano 8, nº 86 – Junho de 2002, p. 16.

se burocratize e se organize através do controle e planejamento de especialistas. E o homem, liberto da religião, distanciado do sagrado e vivendo num mundo desencantado, se refugia e se apóia na própria razão. Pela elaboração de técnicas cada vez mais precisas e sofisticadas e por um conhecimento cada vez mais objetivo, acredita o homem que pode dominar a sociedade e os outros homens. Tudo se transforma numa relação de causalidade, controlável racionalmente, e a sociedade passa a ser dominada pela burocracia. O papel de explicar a realidade, antes exercido pela Igreja, passa a ser assumido pela ciência.

b) A Secularização e a Teologia

Lepargneur (1971, p. 07) propõe que secularização, de acordo com a origem da palavra, tem a ver com um processo anti-clerical, com a separação de um universo eclesial do resto do mundo, contra uma legislação que beneficia pessoas ou bens da Igreja. Isso significa uma separação entre o religioso e o civil, entre o sagrado e o profano. Para ele, o sagrado “separa um objeto, uma pessoa, uma região da criação, para lhes conferir um sentido especial que escapa às leis comuns do mundo se relaciona com o absoluto dos primórdios do universo, ou à Realidade que paira acima da relatividade histórica” (1971, p. 08). Essa sacralização do espaço e do tempo é dessacralizada na modernidade, dando origem à secularização.

A princípio, devido à complexidade do fenômeno, é difícil tanto condená-lo radicalmente como aceitá-lo irrestritamente. O mesmo autor julga necessário estabelecer algumas distinções na abordagem do fenômeno, na medida em que a secularização é um processo histórico em que

diversos elementos da cultura (economia, política, filosofia, literatura, artes, direito,...) se libertam do controle das Igrejas e dos dogmas. Ao mesmo tempo, é um processo no qual o próprio homem se liberta, não só da tutela das Igrejas, de seus ritos e dogmas, mas, mais radicalmente, embora através do primeiro processo, de Deus contestado na sua transcendência, na sua natureza, na sua existência (Lepargneur, 1971, p. 12 e 13).

Quem enfatizar o elemento cultural, sobretudo o desenvolvimento industrial e a urbanização, o progresso das ciências e das técnicas, a consciência universal da humanidade, terá uma visão mais otimista do fenômeno, considerará o ateísmo como algo benéfico. Já quem focaliza o segundo aspecto, da contestação da transcendência de Deus, irá compartilhar do pessimismo em relação à

secularização.

Há, pelo que se pode notar, a possibilidade de se focar sob múltiplos aspectos a secularização. Considerá-la na perspectiva teológica, sociológica e filosófica e, mesmo dentre de cada uma dessas perspectivas, há divergência entre as posições adotadas. Não há unanimidade entre os estudiosos, sobretudo em função dos engajamentos pessoais de cada um.

Lepargneur (1971, p. 13), do ponto de vista teológico, dirá que a secularização, que acaba abrangendo todos os aspectos da cultura, comporta um elemento positivo e outro negativo. O positivo corresponde à libertação dos mitos, da magia, das alienações do sagrado e das assombrações do além, do abuso prepotente dos que se arrogam o direito de interpretar a vontade divina. À medida que cresce o domínio do homem sobre a natureza, exorciza-se todo tipo de misticismo. Deste ponto de vista, exalta-se todo progresso científico e tecnológico, num otimismo por vezes até ingênuo.

Por outro lado, pode-se considerar a secularização como a destruição das religiões e da própria noção de Deus. No horizonte pragmático a divindade não tem muito espaço (pois não há conteúdo concreto atrás do conceito Deus). Abre-se caminho para a crítica radical da religião, incorrendo inclusive na possibilidade de seu desaparecimento histórico.

No âmbito da teologia, a “teologia da morte de Deus” representa um esforço de interpretar o fenômeno da secularização de maneira cristã. Como diz Lepargneur, essa interpretação pode ser assim caracterizada:

Deus morreu em Jesus Cristo: eis a boa notícia do Evangelho. Jesus libertou o homem religioso do constrangimento imposto às gerações anteriores pelo imperialismo do Deus transcendente. Jesus representa a redução da transcendência divina à pura imanência histórica: eis a que se reduz o fato da Encarnação (1971, p. 14).

Disso é possível deduzir a importância de considerar o fenômeno da “morte de Deus” para se compreender o movimento da secularização e vice-versa. Além do mais, é sempre necessário apontar para outros elementos que compõem o seu quadro de referência: a industrialização, a nova situação do homem no mundo, aceleração no ritmo das descobertas e desenvolvimento de tecnologias, a cibernética (ciência geral da comunicação). Por trás disso está a valorização do poder do homem e a contestação de Deus.

Friedrich Gogarten (1887 – 1967) parece que foi um dos primeiros a fazer do fenômeno da

secularização objeto de reflexão teológica. Apesar de alertar contra distorções na interpretação do secularismo, ele “começa por justificar e valorizar a secularização em nome da fé cristã, e, mais precisamente ainda, através da natureza singular do cristianismo, expressa no princípio Paulino-luterano do Sola-Fide” (in Dondeyne, 1970, p. 18). Para ele, as próprias raízes da secularização devem ser buscadas na fé bíblica, pois na criação o homem é encarregado de dominar a natureza. Mas essa dominação da criação supõe discernimento diante das possíveis opções, pois nem tudo convém, como diria Paulo (1Cor 6,12). É pela razão que o homem domina a natureza e não tem direito de não fazer uso dela pois, dessa forma, abdicaria da sua vocação e da responsabilidade que lhe foi dada por Deus.

O papel da ciência se justifica desse modo. Ela, com o auxílio da técnica, expulsa as forças ocultas e aumenta o domínio do homem sobre todas as realidades sem, no entanto, sair dos limites das suas possibilidades, permanecendo na sua esfera de competências. E o papel da fé? Deverá “recordar à ciência a abertura radical que lhe serve de motor, reconduzindo-a eventualmente à sua natureza secular” (in Dondeyne, 1970, p. 19). Com isso, o próprio Gogarten, ao mesmo tempo em que procura valorizar ao máximo a secularização, mantém atitude crítica, constituindo a fé como base desta atitude. Isso porque, quando o homem esquece o princípio transcendente, ele perde controle das suas próprias ideologias e do processo de ação sobre a natureza, constituindo-se escravo das suas próprias obras e dos fins que persegue.

Além de Gogarten, temos também a reflexão desenvolvida por Dietrich Bonhoeffer (1906 – 1945). Este último é muitas vezes considerado o pai da “teologia secular”. Para ele (in Dondeyne, 1970, p. 21), o mundo atual se reconhece a si mesmo, quer atingir a maioria, depender cada vez menos de outro e tomar a rédea do seu próprio destino. O caminho para a maioria é uma evolução que acaba com as falsas representações de Deus e busca um reencontro com o Deus da Bíblia. Quer poder fazer produzir, da radical impotência, a transcendência no mundo real e na história. É necessário reatar a fé profundamente com a realidade e a história.

SACRALIZAÇÃO DO PROFANO?

Podemos dizer que a secularização tem sido um deslocamento do lugar do fundamento da existência: do transcendente, da unidade, do absoluto para o imanente, plural e relativo. Há vantagens e desvantagens, tanto numa, como em outra posição,

dependendo do lugar a partir de onde o fenômeno é observado. Houve a conquista de autonomia por parte do homem, mas poderíamos perguntar se isso não se deu através de um simples deslocamento da estrutura religiosa para o lugar do século, ou seja, para a imanência e suas relações? Há hoje a possibilidade e a facilidade de poder optar, sem com isso sentir-se constrangido, por Deus ou contra ele. Mas há também a questão: o ateísmo é somente uma atitude teórica ou também é prática? Nos parece que podemos encontrar na organização da vida econômica, social, na forma de manutenção das ideologias e mesmo na vida pessoal, a subsistência da estrutura argumentativa do modelo religioso.

Ao mesmo tempo, no mundo contemporâneo, o fenômeno religioso parece não ter cessado, mas tem se desenvolvido em outros moldes. Aliás, nos parece que a busca do transcendente continua, mas o que se alterou foi a configuração das novas instituições que respondem pelo poder religioso. As novas igrejas, e as antigas também, fazem um esforço neste sentido, adaptam seus métodos, sua doutrina e suas promessas ao gosto do mercado. As igrejas adotaram a mesma lei da oferta e procura do mercado de bens de consumo. Tornaram-se, em sua grande maioria, grandes supermercados que oferecem os produtos que o mercado do desejo necessita e da forma como o procura, aqui e agora.

Podemos até nos arriscar a dizer que o fenômeno religioso, em muitos casos, serve de garantia ideológica para o sistema econômico, para a sociedade de mercado. Ao mesmo tempo em que configure a si mesmo nos moldes dos “negócios” do mercado, contribui para que o mercado não se torne objeto de dúvida, mas se torne como que um elemento sacro, um dogma inquestionável.

Podemos notar, então, que na passagem do mundo religioso para a secularização, há a conservação de alguns fenômenos e a transmutação de outros. Continua necessário haver algum tipo de pensamento, ideologia, sistema de crenças que alimente a adesão, que mantenha a coesão do novo modo de existência.

Um estudo realizado por Pagés e colaboradores, intitulado “O poder das organizações”, mostra como a estrutura da organização moderna e inclusive o seu vocabulário remetem ao religioso, à igreja, nas empresas capitalistas modernas. Dizem eles que a empresa

não se contenta em ocultar os mecanismos de dominação que a fundamentam, mas propõe um sistema de crenças e valores, uma moral de ação, apropriados para conduzir os empregados à adesão. Estes valores são consignados nos manuais que podem ser considerados como a

escritura sagrada e que se concretizam num conjunto de práticas rituais utilizadas pela hierarquia da organização (1993, p. 75).

Parece-nos que isso se torna cada vez mais verdadeiro quando olhamos para as novas estratégias de mercado que estão sendo cada vez mais difundidas. Como dizem os autores (1993, p. 76), há um conjunto de crenças que formam um dogma, escrituras sagradas e ritos, pondo em prática esse conjunto de crenças, uma organização hierarquizada servida por seus celebrantes, uma massa de fiéis celebrando a mesma fé e um deus que a própria organização encarna. Tudo isso vivido num forte espírito de competição, sucesso individual, auto-superação, exclusão, vem mascarado por progresso técnico e mudanças, respeito e consideração pelo indivíduo, responsabilidade para com o mundo, igualdade de oportunidades, além de outros. Na superfície não aparece e não se diz nada sobre as estratégias (mundiais e locais) de dominação e eliminação de concorrentes, sobre os meios para tornar os clientes dependentes e sobre restrições impostas aos empregados.

Temos, assim, a manutenção de elementos religiosos na própria organização das instituições contemporâneas. Mas, ao mesmo tempo, podemos nos indagar se efetivamente a modernidade conseguiu extinguir o fenômeno religioso em si mesmo, aquele fenômeno real. Há muitos autores, talvez mais cautelosos, que indagam se a modernidade conseguiu ou conseguirá efetivamente eliminar o sobrenatural e o encanto do mundo. Entre esses, Peter Berger, um sociólogo do fenômeno religioso, aceita (1997, p. 174) que a secularização tenha um caráter mundial, mas considera que ela está muito mais arraigada na América do Norte e na Europa. Diz que no Terceiro Mundo impressiona atualmente a força social da religião. Mesmo no Primeiro Mundo, para ele, a tese da inexorabilidade da secularização foi exagerada, visto o reflorescimento do religioso em todo mundo. Chega a dizer que, do ponto de vista sociológico, “há boas razões para pensar que a modernidade, e com ela a secularização moderna, estão em crise hoje” (1997, p. 178). Mesmo que os sinais do transcendente tenham se tornado somente rumores, sinais quase imperceptíveis, eles estão aí. De alguma forma, há uma redescoberta do sobrenatural em nossos dias.

Será essa volta de elementos míticos, religiosos, um retrocesso na caminhada da humanidade? Segundo Berger, há um benefício nesse retorno: “o benefício moral principal da religião é que ela permite uma confrontação com a época em que se vive numa perspectiva que transcende à época

e assim a coloca em proporção” (1997, p. 226).

RETORNANDO AO COMEÇO...

Recordando, podemos perguntar o que acontece no início da modernidade em relação ao modo de ser anterior, pré-moderno? Gialdi sistematiza essa passagem dizendo que

até o início da modernidade – século XIII – a Religião unia todos os elementos fundamentais da vida humana: a ciência, a arte, a moral, a política e as leis. A fé e a ação humana caminhavam no mesmo projeto. Não se fala de autonomia das ciências, da política, da Arte, da Filosofia. Não se fala da autonomia do homem. Existe um único projeto, o projeto de Deus, determinado pela Religião (in Conjectura, 1998, p. 132).

Com o Iluminismo esse projeto deixa de existir. Substitui-se a generalidade no campo do conhecimento pela especialização (estabelecem-se campos específicos do conhecimento, dominados por especialistas); o projeto do homem toma o lugar do projeto de Deus (o homem passa a ser sua própria luz, o senhor do seu destino). O iluminismo e a Revolução Industrial que o acompanha instauram um novo modo de pensar, viver e avaliar. Os princípios orientadores e iluminadores da vida e dos projetos individuais e globais que antes eram fundamentados na Religião, no transcendente, no além do mundo, terão de ser estabelecidos a partir do próprio homem e do mundo.

O objetivo do iluminismo, de acordo com Horkheimer, como um pensar que faz progressos, é “livrar os homens do medo e de fazer deles senhores” (1989, p. 03). Isso de modo que o entendimento deverá vencer “a superstição” e comandar a “natureza desenfitejada”, sem “apelo a forças ilusórias que a governem ou que nela habitem, sem apelo a propriedades ocultas” (1989, p. 03). A medida será a calculabilidade e a utilidade.

A fé religiosa deve ceder seu espaço para a fé no progresso contínuo e ilimitado, na ciência, na razão e na democracia. Nessa nova fé na ciência, “os cientistas passam a ser os profetas da modernidade, sua palavra é ordem. A Ciência e os seus experimentos são considerados fonte intransferível da verdade e confiança em suas forças para dominar as resistências e os segredos da natureza” (in Conjectura, 1998, p. 134). A religião e a teologia passam para o campo da superstição, daquilo que precisa ser superado em nome do progresso e da felicidade. Progresso e felicidade serão frutos do planejamento racional. A ciência e a técnica erigem-se como o novo mito. A verdade se identifica com seus métodos e resultados. A ciência é a verdade absoluta.

Um mundo em que o motor de fundo é o mercado, precisa criar sempre novos desejos, novas ilusões para poder se sustentar. O vazio existencial (Frankl), o homem entregue à sua própria liberdade (condenado à liberdade – Sartre), o desencantamento do mundo (Weber), são situações insuportáveis para o ser humano individual e este precisa de algum tipo de consolo e apoio, que deverá ser encontrado na imanência do mercado. Novas e antigas religiões, em muitos casos, adotam a mesma lógica do mercado.

Não há como ignorar o fenômeno da secularização ou procurar exorcizá-lo simplesmente. Ele já é uma situação de fato, não há como reverter a história. Cabe assumir as suas possibilidades e os seus problemas como tarefa comum. Assumir a responsabilidade pelo destino da humanidade, pela possibilidade da existência com maior qualidade (não só quantidade) de vida é tarefa da qual não é possível fugir. Quem sabe, a discussão ética, ecológica, política, social, econômica possa se confrontar com os limites e possibilidades da razão e assumir esses limites e possibilidades.

Há problemas que a própria secularização carrega consigo. O domínio ilimitado sobre a natureza, tratada como “fundo de reserva” pode tornar insustentável a vida na terra. Ao mesmo tempo, o criador torna-se vítima da sua própria criação: a ciência e a técnica, de certa forma, se autonomizam em relação ao homem, projetam fins por si mesmos, escapando a qualquer limite ético. O homem acaba se entendendo a partir dos instrumentos e conhecimentos que cria e do uso que faz deles. Com diz Horkheimer, “o preço que os homens pagam pela multiplicação do seu poder é a sua alienação daquilo sobre o que exercem o poder”. E diz ainda mais: “o iluminismo se relaciona com as coisas, assim como o ditador se relaciona com os homens” (1989, p. 7). O “despertar do sujeito” no iluminismo traz consigo o fato de que o poder é o princípio de todas as relações. Um poder que antes era atributo de Deus passa para o homem, agora soberano sobre tudo o que existe, numa atitude de senhor, de comandante. Guardini diz que durante a Idade Moderna “o poder sobre a existência, os homens e as coisas, vem crescendo numa medida cada vez maior, mas a seriedade da responsabilidade, a clareza de consciência, a força de caráter não tem acompanhado este acréscimo” (1995, p. 69).

O fato de o homem se sentir cada vez mais capaz, tendo conquistado maior autonomia em relação a um poder externo, possibilitou a produção de um desenvolvimento muito grande em diversos âmbitos da vida. A razão humana foi capaz de encurtar distâncias, tempos, aumentar a qualidade

de vida de uma parte da população mundial (embora sempre um contingente grande de pessoas tenha ficado à margem dos benefícios), domesticar a natureza, além de outros feitos. Mas, ao mesmo tempo, nos tornamos escravos das técnicas e saberes que produzimos e, ainda pior, corremos o risco de esgotar as possibilidades da terra em bem pouco tempo. Somente o advento de um novo Deus, como diz Heidegger ao jornal Spiegel (entrevista publicada em 1976), poderá nos salvar. Diminuímos o poder do Deus cristão, colocamos no seu lugar outros deuses (produtos da secularização), e precisamos do socorro de uma outra divindade que possa nos salvar de nós mesmos. O pensamento calculador, com o qual operamos, não nos permite fugir das garras da sua lógica interna. Um novo pensar irá abrir-nos os olhos?

REFERÊNCIAS

- BERGER, P. **Rumor de anjos**: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- CEPAT INFORMA. **Modernidade**: o êxodo da religião. Da heteronomia para a autonomia. Da Religião para a Democracia, a. 08, n. 86, jun. 2002 (Revista de Circulação Interna): Curitiba - PR.
- CHAUÍ, M. et al. **Primeira filosofia**: lições introdutórias. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- DONDEYNE, A. et al. **Ateísmo e secularização**. São Paulo: Paulinas, 1970.
- GIALDI, S. Modernidade e dignidade humana. **Revista Conjectura**, Caxias do Sul, v. 3, n. 1, 1998.
- GUARDINI, R. **O fim da Idade Moderna**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. **Conceito de iluminismo**. São Paulo: Nova Cultural, 1989.
- LEPARGNEUR, H. **A secularização**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1971.
- PAGÉS, M. et al. **O poder das organizações**. São Paulo: Atlas, 1993.
- WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1996.

UNIPAR MULTICAMPI

Campus Toledo (I)



Av. Parigot d Souza, 363
Fone: (45) 3277-8500

Campus Toledo (II)



Rua Santos Dumont, 2171
Fone: (45) 3277-2161

Campus Umuarama (Sede)



Praca Mascarenhas de Moraes, 4287
Fone: (44) 3621-2828

Campus Umuarama (Hospital Veterinário)



Rodovia Pr 480 - Km 02
Fone: (44) 3639-2130

Campus Umuarama (III)



Avenida Tiradentes, 3240
Fone: (44) 3621-3838

Campus Cascavel



Rua Rui Barbosa, 611
Fone: (45) 3321-1300

Campus Paranavaí



Av. Huberto Bruning, 360
Fone: (44) 3421-4000

Campus Francisco Beltrão



Av. Julio Assis Cavalheiro, 2000
Fone: (46) 3520-2800

Campus Cianorte



Av. Brasil, 1123
Fone: (44) 3619-3000

Campus Guaíra



Rua Carlos Gomes, 558
Fone: (44) 3642-9500

www.unipar.br